

Desosso o Osso (e flutuo) (40')

Cia. Vitrola Quântica

Espaço Kasulo

A proposta do espetáculo aponta para uma discussão entre leveza e peso, elementos constitutivos de dinâmicas de movimento em dança.

A ela se agrega a reflexão sobre a sonoridade do rock, campo onde convivem leveza, peso e um flutuar resultante da “experiência do risco, do limite, de tudo aquilo que vive na margem”, como o grafado no programa.

A abrangência desta proposta é grande e as duas intérpretes-criadoras, da jovem Cia. Vitrola Quântica, em sua composição apostam no fragmento pelo fragmento, na justaposição de estruturas que se assemelham a estudos que, realizados em estúdios de ensaio, são transpostos para a cena.

Há instrumentos no palco e com eles evoluem as bailarinas, em momentos nos quais emerge uma movimentação bem conatada, que tem por base os movimentos que se espera dos músicos de banda ao se relacionarem, quase sempre de maneira visceral, com seus instrumentos.

Claro está que, no espetáculo, a intenção não é a de fazer música, mas a de estabelecer movimentos a partir de uma tradução de dinâmicas de bandas em cena, o que, no caso desta criação, traz à cena uma sucessão de clichês.

Quando “tocam”, as bailarinas demonstram uma certa competência em ações nas quais estes clichês operam. O mesmo não se configura quando se lançam às dinâmicas da dança propriamente dita, apesar do grande entusiasmo das performances.

A discussão de um corpo que se inverte, pela estratégia metafórica da ausência de seus ossos, tornando-se leve e mais além, flutuante, não encontra nas cenas uma estrutura que nos permita ver estes contrastes de maneira clara.

O que se percebe são etapas fragmentadas de um processo para estudo de peso/força, colapso corporal frente à gravidade e algumas incursões no elemento leve (que para sua emergência jamais prescindirá de uma estrutura ósseo-corporal), sem que se consiga, no entanto, transformar-se este investimento em cenas onde o público possa compartilhar este tipo de discussão.

Se coreograficamente esta proposta não se dá a ver, restaria à trilha sonora, elementos de cena (inclusive os multimídias) e à iluminação a tarefa de dar ao trabalho uma estrutura final, uma moldura para o desenrolar das ações.

Neste sentido, a projeção de imagens em uma das laterais do palco, vem somente sublinhar uma abertura demasiada dos temas apresentados, ao nos apresentar *flashes* de “histórias diversas” - guerra contra o terrorismo internacional, muito rock, rock metal, elementos da indústria cultural, etc.

A impressão final é de uma justaposição de imagens e dinâmicas de sala de aula transpostas ao palco como uma espécie de álbum de retratos onde se organizam imagens, sem um encadeamento no qual uma lógica de dança se coloque.

Ao final, a primeira imagem deste álbum – uma bailarina presa pelos cabelos no canto do palco, ainda resta a aguçar nossos sentidos para outras criações da Vitrola Quântica.